



O PASSADO GLORIOSO N'A SAUDADE, JORNAL DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DO RIO DE JANEIRO

THE GLORIOUS PAST IN *A SAUDADE*, PORTUGUESE LITERARY GUILD
OF RIO DE JANEIRO'S JOURNAL

Maria Clara Costa Pereira*

* makla10@hotmail.com

Possui Graduação e Mestrado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia-MG), e é, atualmente, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da mesma instituição. Este artigo faz parte das discussões da Tese, em desenvolvimento, denominada "A SAUDADE: PERIÓDICO DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS NO RIO DE JANEIRO. Um estudo sobre a construção literária de espaços". Órgão de fomento: CAPES.

RESUMO: A partir da apresentação e reflexão de trechos de textos e poemas publicados no jornal *A Saudade* (1855-1857 e 1861-1862), do Grêmio Literário Português do Rio de Janeiro, este artigo propõe a ideia de que, pela imprensa literária periódica, é construído um passado glorioso português. Eventos, batalhas, figuras históricas e lendárias são selecionadas e retramadas no século XIX por um grupo de portugueses emigrados como forma de constituírem sua tradição, o lugar que ocupam e o qual devem ocupar. Assim, esses sujeitos fabricam um passado de glórias (ao mesmo tempo, um discurso e uma performance) como instrumento que os permite se posicionarem perante os embates políticos e sociais próprios de seu contexto, e que os possibilita reforçar sua identidade nacional, então, em terra estrangeira. Passado, presente e futuro são ficcionalizados por um fazer artístico conjunto nas folhas d'*A Saudade*.

PALAVRAS-CHAVE: Oitocentos; emigração; literatura; imprensa; passado.

ABSTRACT: Starting from the presentation and reflection from texts and poems published in the newspaper *A Saudade* (1855-1857 and 1861-1862), of the Portuguese Literary Guild of Rio de Janeiro, this article proposes the idea that, through the periodical literature, it is constructed a glorious Portuguese past. Events, battles, historical and legendary figures are selected and reemplot in the 19th century by a group of Portuguese emigrated as a way of constituting their tradition, the place that they occupy and which they should occupy. Thus, these subjects manufacture a past of glories (at the same time, a speech and a performance) as an instrument that allow them to position in the face of political and social clashes specific to their context, and that enable them to reinforce their national identity, then, in foreign land. Past, present and future are fictionalized by an artistic joint work in *A Saudade's* pages.

KEYWORDS: 19th century; emigration; literature; press; past.

O GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS E O JORNAL A SAUDADE

Em 1855 é fundado o Grêmio Literário Português do Rio de Janeiro, uma associação composta de portugueses emigrados na capital do Império brasileiro. Esses sujeitos, em sua maioria, emigraram num sistema de recomendações para trabalhar no comércio, atividade monopolizada, no contexto, pelos portugueses. Essa situação social promove tanto um enriquecimento e fortalecimento desse setor e dessa identidade, quanto cria condições para uma maior expressão de sentimentos nacionalistas e antilusitanos por parte dos brasileiros. Nas palavras de Alexandre Henrique Paixão (2012, p. 83): “a principal razão do sentimento antilusitano foram os privilégios obtidos pelos caixeiros no país”. Assim, a construção de associações se insere em embates políticos e culturais próprios da sociedade carioca oitocentista, em especial, aquelas vinculadas à identidade portuguesa.

Apesar de um perfil particular, durante as décadas de 1850 e 1860, do emigrado português (jovem, solteiro, alfabetizado e trabalhador do comércio), são muitos os tipos sociais; suas idades, níveis de instrução, gêneros, estados civis e condições econômicas. Inclusive, são muitos que, em busca de emprego e influenciados pela imagem do “brasileiro”¹, emigraram para o Brasil repletos

de expectativas e sonhos. Na prática, porém, o enriquecimento é uma realidade restrita. As associações surgem, justamente, para criar espaços de encontro, sociabilidade e acolhimento em terra estrangeira, possibilitando não apenas o contato com símbolos e práticas familiares num universo, muitas vezes, hostil e estranho, como, também, promovendo a caridade e o auxílio para os portugueses menos afortunados. Daí que existam associações desportivas, hospitalares, de beneficência e, principalmente, voltadas para a instrução literária. Sobre estas últimas (em um estudo sobre as agremiações cariocas e paulistanas), Milena da Silveira Pereira (2015, p. 103) escreve:

A passagem por associações literárias, portanto, era um primeiro passo da formação de homens que, até certo ponto, se tornaram figuras significativas do Oitocentos brasileiro. Primeiro passo apenas, pois outras duas etapas coroavam a vida intelectual nesse tempo em que se tentava convencer sobre a importância das trajetórias coletivas para aquilo que se acreditava ser a missão dos estudiosos, dos sábios e dos cultivados: criar um país civilizado, inspirado nas conquistas do passado e nas promessas do futuro.

Entre os portugueses emigrados do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, há um discurso a favor da instrução. Esta é a arma que se acredita transformativa

1. O “brasileiro” é, no imaginário português oitocentista, um emigrante do retorno, ou ainda, de torna-viagem. Alexandre Herculano o caracteriza por: “viver com maior ou menor largueza e não ter nascido no Brasil; ser um homem que saiu de Portugal na puerícia ou na mocidade mais ou menos pobre e que, anos depois, voltou mais ou menos rico” (HERCULANO, 1983, p. 68 apud ALVES, 1993, p. 38).

de uma imagem pejorativa do português (enquanto provinciano, pobre, avarento e parvo) perante a sociedade brasileira, e é, também, o instrumento de transformação da própria civilização rumo ao progresso. Este é um dos intuitos do Grêmio Literário Português (que surgiu como Sociedade Luso-Instrutiva) e de sua “associação mãe”, o Real Gabinete Português de Leitura (fundado em 1837).

A fundação do Grêmio acontece a partir da proposta de um português recém-chegado à Sociedade Luso-Instrutiva, Bernardino Pereira Pinheiro. Ele sugere que a associação fosse renomeada e lançasse um periódico. Este, denominado *A Saudade*, é um divisor de águas, a partir do qual o espaço, que buscava reunir jovens portugueses para promover discussões e estudos, se torna, fundamentalmente, um espaço de escrita e publicação. Essa atividade, porém, é marcada por grandes dificuldades que se manifestam ao longo da leitura do jornal: falta de assinaturas, inadimplência dos assinantes, custos tipográficos, críticas dos leitores às publicações (em especial as de caráter literário), conflitos internos da Redação (uma comissão de escritores que, muitas vezes, discordaram uns dos outros), o surgimento de jornais que ameaçavam a continuação d’*A Saudade* (seja por entregarem outros tipos de conteúdo, mais agradáveis ao gosto dos leitores, porém, na contramão do projeto de instrução e ilustração

do jornal do Grêmio; seja por possuírem o mesmo público alvo e as mesmas abordagens artísticas). Tais dificuldades são narradas e valorizadas como obstáculos que: ora tornam grandiosas a vitória de manutenção do jornal, ora justificam suas faltas de continuidade e encerramentos.

Os embates perceptíveis n’*A Saudade* não se restringem ao Grêmio, antes dizem de uma dinâmica política e associativista própria da comunidade lusa no Rio de Janeiro do Oitocentos. Como escreve Sébastien Rozeuax (2016, p. 495): “a existência do Grêmio Literário Português, durante uns dez anos, está intimamente ligada às divergências internas na principal associação cultural portuguesa, o Gabinete Português de Leitura”. Um conflito de gerações leva, portanto, jovens portugueses emigrados a se separarem do Gabinete para criar um espaço “aonde se reunissem alguns jovens desejosos de cultivar sua intelligencia, de aprender a exprimir em publico os seus pensamentos mutuamente, sem se escandalisarem por algum dito menos reflectido”² (OLIVEIRA, v. II, 1856, p. 121), ou seja, um espaço acolhedor e sem o peso da vexatória daqueles mais experientes.

Na sequência, dando continuidade ao renovado desejo por espaços de sociabilidade e publicação, funda-se, a partir do Grêmio, o Retiro Literário Português em 1859.

2. Neste artigo, os trechos citados do jornal *A Saudade* são apresentados mantendo a grafia original em que se encontram publicados. Essa escolha é uma forma de atentar o leitor para as particularidades da linguagem periódica oitocentista (como letras dobradas, uso de “s” no lugar de “z”, ausência de acentos, dentre outros aspectos) quando comparada com a norma culta do português atual.

Segundo Ubiratan Machado (2001, p. 273), essa dissidência ocorre porque: “Alguns sócios do Grêmio achavam que a instituição não devia se restringir a organizar saraus e reuniões, mas empenhar-se também no preparo dos caixeiros portugueses para outras profissões”. Além do Grêmio e do Retiro, houve o Liceu Literário Português, fundado em 1868, que, segundo Elisa Muller (2002, p. 312), “só passou a diferir da [sociedade] precedente [Retiro] em 1869, quando o sócio Francisco Baptista Marques Pinheiro propôs que o Liceu se transformasse em uma escola de ensino noturno aberta a brasileiros e portugueses”.

É instigante perceber o universo dinâmico e de jogos políticos intermitentes no qual se insere *A Saudade*. O desejo de estabelecer espaços de visibilidade, encontro e transformação social fazem das obras periódicas e literárias armas de expressão, delimitação dos coletivos e seus projetos. Como registrado no texto introdutório do jornal: “o nosso periodico se denominou – A Saudade, porque sobre tudo será escripto do coração, porque sobre tudo sentimos vivos desejo de nos tornarmos uteis á nossa patria, e ao paiz onde habitamos” (PROLOGO, v. 1, 1855, p. 1).

O jornal do Grêmio materializa o projeto, vinculado ao discurso de *regeneração* do movimento romântico, de

instrução como arma de transformação social. Pelas publicações periódicas, seus autores encontram a ação de combate contra velhos costumes e modelos (sociais e estéticos), e, mais especificamente, contra a “decadência portuguesa” e o antilusitanismo. Este é presente na vida cotidiana e, inclusive, na construção de uma história pátria para o Brasil, operada no século XIX, e, muitas vezes, crítica da ação colonizadora portuguesa. Pelo periódico, os emigrados manifestam suas ilustrações e seus esforços, além de performarem um modelo comportamental para o grupo, uma *ética ascética* (MARTINHO, 1993, p. 60) baseada na ideia de humildade, trabalho e estudo. Nas palavras de um dos principais redatores do jornal, Antonio Xavier Rodrigues Pinto (v. I, 1855, p. 14):

Hoje, que uma phalange de escriptores de talento e mancebos adornados da aureola da intelligencia, escondidos sob o véo da obscuridade, hoje que tem um Periodico em que possam escrever suas inspirações, fazer-se conhecidos do publico, ganhar com seus escriptos a coroa de louro, que cabe ao poeta.

A Saudade foi, ao todo, publicada semanalmente em duas séries: a primeira de 05 de agosto de 1855 a 08 de fevereiro de 1857, e a segunda de 15 de abril de 1861 a 05 de outubro de 1862. Entre os dois períodos, o Grêmio ainda publicou o *Album do Grêmio Litterario Portuguez*, em 1858.

A Saudade é uma obra de autoria coletiva, composta por poemas, peças, romances, crônicas, traduções, estudos históricos, biográficos, teológicos, filosóficos e literários. Não existem anúncios em suas páginas, de forma que a manutenção das publicações dependia exclusivamente da assinatura dos leitores. Daí que se possa pensar, em diálogo com Eduardo da Cruz (2019, p. 31), que “manter e fazer crescer uma entidade dessas não é fácil hoje, e era algo quase heroico naquela época”. Dentre os escritores d’*A Saudade* destacam-se Antonio Xavier Rodrigues Pinto, Reinaldo Carlos Montoro, João Dantas de Souza, Manoel Leite Machado, José Coelho Lousada, Francisco Gonçalves Braga, Bernadino Pereira Pinheiro, Eugenio Arnaldo de Barros Ribeiro, dentre outros.

Em seu projeto de ilustração da *classe caixeiral*, de combate aos estereótipos e imagens que *obscurecem* e inferiorizam os portugueses, *A Saudade* revela, ainda, um exercício ficcional de narração/fabricação do passado glorioso da pátria. Como escreve Nancy Huston (2010, p. 20): “falar não quer dizer apenas nomear, dar conta do real; é também moldá-lo, interpretá-lo e inventá-lo”. Portanto, os textos do jornal do Grêmio são compreendidos enquanto ações políticas e sensíveis que criam passado, presente e futuro. Reforçando a tarefa inventiva de registro e

rememoração num contexto de emigração, Rodrigues Pinto escreve:

Quando estamos longe da Patria e dessas doces e inebriantes afeições, que nos rodeão na infancia, é um tributo que pagamos registrando em qualquer *jornal* as saudades pungentes que sentimos pelo torrão natal, os desejos que alimentamos por seus progressos, e a satisfação íntima e consoladora que nos move a avivar passadas reminiscências (PINTO, v. I, 1855, p. 38).

A ação de narrar e cantar feitos e figuras, então, significados por sua grandiosidade e que legitimam um discurso sobre o poder de Portugal, aparece n’*A Saudade* como um imperativo. Esses sujeitos (escritores e leitores, portugueses e emigrados) se diferenciam e se identificam pelo compartilhamento de um passado comum, de *passadas reminiscências*. Nelas está o que é compartilhado pela identidade nacional e o exemplo a ser tomado na transformação do presente e do futuro. Como escreve Eduardo Lourenço (1988, p. 10): “Portugal não espera o Messias, o Messias é o seu próprio passado, convertido na mais consistente e obsessiva referência do seu presente, podendo substituir-se-lhe nos momentos de maior dúvida sobre si ou constituindo até o horizonte mítico do seu futuro”.

O passado e o futuro se encontram nas ações ficcionais do presente d'*A Saudade*.

O PASSADO GLORIOSO PORTUGUÊS

Na primeira série d'*A Saudade*, José Coelho Lousada publica um poema intitulado “A pá d’Aljubarrota” em que o eu lírico canta, como quem rememora, a batalha que aconteceu no planalto de S. Jorge, próximo à vila de Aljubarrota, em Portugal, no dia 14 de agosto de 1385. Esse evento participa da memória coletiva portuguesa enquanto marco de conquista e consolidação do Estado e da Monarquia perante o inimigo (a alteridade sobre a qual a identidade portuguesa se constitui): Castela e os espanhóis. Afinal, como escreve Isabel Allegro de Magalhães (1994, p. 188): “ser português queria dizer antes mais para a nação não ser espanhol: estar aquém d’Espanha”. A fabricação da identidade portuguesa a partir da distinção com a espanhola é retomada no exercício de reatualização dos discursos das *passadas reminiscências* que vinculam os portugueses, ou seja, o passado glorioso de sua pátria. Na segunda estrofe do poema de Lousada, lê-se:

O sangue tingia a terra,
O fumo toldava o ar,
E gritava á guerra! á guerra!
A trombeta sem cessar.

De Castella o rei em vista,
Só tinha a fácil conquista
Do meu pequeno paiz;
Que são lusos esquecia
Esses valentes, que guia
D. João, Mestre d’Aviz (LOUSADA, v. I, 1855, p. 39).

O poema é composto de cinco décimas com versos metrificados em redondilha maior, que diz de uma retomada de modelos literários medievais como meio de consagrar uma tradição e instituir as bases referenciais do romantismo. Tanto na temática quanto na estrutura formal dos versos há uma elaboração sobre o passado enquanto exemplo para o presente.

A batalha d’Aljubarrota, enquanto marco mítico de uma constituição grandiosa do Estado português, remonta à narrativa de obras do início da Idade Moderna, como é o caso de *Crónica de Don Juan Primero* (1385), do cronista do Rei de Castela, Pero Lopez de Ayala; *Chroniques* (1356-1388), do cronista francês Jean Froissart; e, principalmente, *Crónica Del Rei Dom João I, de boa memória. Segunda Parte* (1443), do cronista do rei D. João, Fernão Lopes. Caberia, portanto, indagar: por que, num contexto brasileiro da segunda metade do século XIX, compor e publicar um poema, por meio de um periódico e associação de

portugueses emigrados, retomando a batalha d'Aljubarrota e seus intertextos? O que tal publicação possibilita problematizar sobre a vivência literária, política e social desses sujeitos?

O que se quer com tal publicação é o abrilhantamento da identidade portuguesa, a fabricação de sentimentos de orgulho e pertença que fazem pulsar em cada leitor a vontade de lutar pela pátria. O ufanismo produzido pelos discursos oitocentistas se vale de referências históricas e lendárias como exemplos de ação para o presente. Daí que o poema traga a figura de Brites de Almeida, na terceira estrofe:

Mas assim que os mais ufanos
Começão a recuar,
E', que sete castelhanos
Com a pá pôde prostrar
Brites d'Almeida, a primeira
Que tornou arma guerreira,
Uma pá na sua mão,
E ninguém melhor do qu'ella
Ao orgulho de Castella
Dando tão boa lição... (LOUSADA, v. I, 1855, p. 40).

Brites d'Almeida é, segundo as lendas sobre a batalha d'Aljubarrota, uma padeira que teria matado com sua pá, e depois assado, sete castelhanos que tentaram fugir após a derrota militar. Ela se destaca por sua aparente simplicidade e fragilidade; é uma mulher sem formação de combate, porém, graças a seu amor pela pátria e bravura, teria feito um ato heroico e admirável em tempos de guerra. Essa figura lendária, também, aparece na obra de Alexandre Herculano: *Lendas e Narrativas* (1877, p. 288-289). Afinal, o movimento romântico próprio do século XIX, em Portugal e no Brasil, se vale de narrativas populares como conteúdo para a constituição de uma literatura genuinamente nacional e, utilizando as palavras de Antonio José Sraiva (1984-1985, p. 109): “a padeira de Aljubarrota é, possivelmente, o melhor símbolo do espírito guerreiro português”.

No contexto de emigração, ressignificar os símbolos que constituem a identidade nacional reforça a pertença à terra de origem e é ação que institui uma “performance pública da portugalidade oficial”, tal como escreve Eduardo Caetano da Silva (2003, p. 131), ou seja, delimita uma fronteira identitária em que o português se mantém português (ou se torna ainda mais português, mesmo habitando solo estrangeiro) por meio de ações próprias legitimadas pelas associações, sendo que *A Saudade* revela a

rememoração do passado glorioso da pátria como uma delas. Esse passado emerge como uma ordem discursiva a partir da qual os semelhantes (compatriotas) se reconhecem como tal. A estrofe final do poema reforça esse exercício de delimitação:

Em signal do vencimento
 D. João Primeiro quiz
 Que s'erguesse um monumento,
 Gloria de nosso paiz,
 E ainda hoje se nota
 Na villa d'Aljubarrota,
 Essa pá que tanta vez,
 Depois de centenas d'annos,
 Faz corar os castelhanos
 E sorrir o portuguez! (LOUSADA, v. I, 1855, p. 40).

Eis o fecho da mensagem poética, o orgulho e a vitória de um passado de batalhas vitoriosas e figuras heroicas. Segundo Maurice Halbwachs (1990, p. 32), existe um aspecto fundamental na memória que é coletivo, social e voluntário. O esforço para lembrar e recontar determinados eventos é uma forma de pertencer a um determinado grupo (familiar, regional, nacional), de forma que “esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam” (*Ibidem*). Por mais que nenhum

dos portugueses emigrados do Rio de Janeiro das décadas de 1850 e 1860 tenham participado ou conhecido alguém que participou da batalha d'Aljubarrota, ainda assim é ela ponto de uma narrativa que identifica a ancestralidade que vincula os portugueses sob uma mesma identidade. Mesmo possuindo níveis de instrução, gêneros, condições financeiras e oportunidades de trabalho distintas, esses sujeitos se encontram pelo conhecimento das mesmas lendas, pela chama de orgulho que ainda se alimenta da mesma lenha: a ficcionalização de um passado compreendido como comum entre eles.

Estudos em torno do porquê (em termos estratégicos, militares, climáticos e geográficos) da vitória portuguesa em Aljubarrota já foram levantados (MONTEIRO, 2006). O instigante aqui é pensar como esse evento é selecionado para compor a memória coletiva nacional e uma ordem discursiva pela qual os portugueses reforçam sua pertença e assim criam ancoradouros existenciais e sensíveis, especialmente, para aqueles que emigraram. Como afirmam Eduardo Marandola Júnior e Priscilla Marchiori Dal Gallo (2010, p. 416): “recriar seu território é uma forma de dar suporte e manutenção à identidade e à sua forma de existir/ser pela presença de referenciais identitários. Nesse sentido, territorializar-se serve como um mecanismo protetor da segurança existencial”. Assim, “ser português”

é, em especial na sociedade brasileira oitocentista, fazer parte de um lembrar conjunto. Esse lembrar é, fundamentalmente, um fabricar. E não apenas Aljubarrota e Brites d’Almeida são elementos que compõem as imagens e discursos do passado. A batalha dos Atoleiros, descrita por Manoel Leite Machado na primeira série d’*A Saudade*, também, participa dessa fabricação:

a batalha dos Atoleiros é um dos quadros mais heroicos que nos apresenta a historia: uma força maior de trinta mil hespanhoes se batem contra seis mil Portuguezes! E depois de um renhido combate, e disputada victoria, os hespanhoes tendo obtido tanta vantagem no numero, perderão-na no esforço, porque abandonarão o campo ficando derrotados completamente!... E as sempre respeitosas quinas lusitanas tremularão em breve, soberbas e arrogantes por cima de todas as fortalezas, como signal de um triumpho que acabava de assegurar a Liberdade do povo Portuguez!... (MACHADO, v. I, 1855, p. 113).

A batalha dos Atoleiros faz parte das disputas militares durante o período da crise dinástica de 1383 a 1385³. O encerramento desse conflito vem com a vitória portuguesa em Aljubarrota e a conquista de Portugal por sua soberania. Portanto, assim como Aljubarrota, a batalha dos Atoleiros é um dos eventos que moldam a história oficial da formação do Estado português, bem como da

identidade nacional, do sentimento de pertença e orgulho da pátria. Nesse processo de rememoração/criação do passado pelo presente, como modelo para o futuro, sensibilidade e identidade são, também, produzidas de forma atrelada. Como escreve Nancy Huston (2010, p. 67): “o *nós* instaura e se reforça pela narrativa do passado coletivo, pela memória, ou seja, pelas ficções. O orgulho é o laço, a ligação. Todo *nós* se esforça para ser orgulhoso do que é; é necessário para tranquilidade e a segurança dos *eu* que o compõem”.

O orgulho é a sutura dos laços patrióticos. “Ser português”, principalmente numa situação que impõe distância e com isso ameaça à identificação com sujeitos, espaços e símbolos familiares, é um esforço contínuo que se pratica pelo discurso, pela constante proclamação de histórias e lendas conhecidas e compartilhadas pelo grupo nacional. Tal como acontece no breve texto publicado na primeira série d’*A Saudade* e sem assinatura, denominado “Character portuguez”:

Na lucta da nossa independencia em 1640, cahio em poder dos hespanhoes, já sem forças e mui ferido, um cavalleiro portuguez chamado Roque Antunes; e perguntando-lhe elles. – Quem vive? – repondeu com nobre coragem: “Deos e D. João IV, rei de Portugal” prometteram-lhe a vida se um só vez dissesse

3. O rei de Portugal D. Fernando I morreu em 1383 sem deixar herdeiro varão. Sua única herdeira era D. Beatriz, casada com o rei de Castela, D. Juan. Para evitar a submissão de Portugal à Castela, D. João, meio irmão de D. Fernando e filho ilegítimo de D. Pedro, encarna a representação da luta pela consolidação de um Estado Português, sendo vitorioso militarmente e discursivamente, tornando-se o primeiro rei da dinastia de Avis.

– viva el-rei D. Filippe, porém, respondeu com toda a presença de espirito: – matai-me, muito embora, que por um tal preço eu não quero a vida” (CHARACTER, v. II, 1856, p. 56).

O tempo e espaço narrado não é, como se deu nas publicações apresentadas anteriormente, o de formação do Estado português. O texto retoma um contexto de luta pela independência de Portugal após sessenta anos em que o trono português foi unificado com o espanhol, a chamada União Ibérica de 1580 a 1640. Por que apresentar tal contexto? Qual é a mensagem que se quer comunicar com o texto? E qual sua relação com a vida e os projetos dos portugueses emigrados na sociedade carioca da década de 1850?

O período da União Ibérica, pelas folhas d’*A Saudade*, funciona como um verdadeiro perigo, um “erro” do passado, ou, ainda, uma “afrota” que maculou o grandioso orgulho português. O combate a ideias de iberismo no século XIX é uma das máximas que perpassam as publicações do jornal de forma potente e apaixonada. Ainda assim, são, justamente, as ideias de “declínio” e de ameaça que funcionam como “obstáculos” que tornam heroicos os feitos do passado e a missão que se compreende legada ao presente. Como escrevem Amílcar Guerra e Carlos Fabião (1992, p. 17): “é verdadeiramente quando a independência nacional periga e os

sentimentos patrióticos se impõem como imperativo de cidadania que os vetustos ‘antepassados’ são invocados”. No caso de “Character portuguez”, os antepassados se materializaram nas figuras de Roque Antunes, cavaleiro português e bravo guerreiro em luta pela independência de Portugal, e o rei D. João IV, símbolo de união e divinização para o qual as forças de defesa se voltam.

A presença dessa narrativa n’*A Saudade* funda um paralelismo em que D. João IV está para D. Pedro V (rei de Portugal em 1856) assim como Roque Antunes está para cada escritor e leitor, cada português emigrado, ou ainda, português apenas. A descendência atualiza a mensagem do texto: faz um apelo para ações iguais de bravura, de desejo de morrer pela pátria e pelo rei, de orgulho em ser português e estabelecer sua identidade a partir da constituição de uma alteridade (o espanhol).

Tal como nas publicações anteriores, novamente a figura do rei aparece como elemento agregador e constitutivo do “nós”. Este é um processo ficcional histórico. Como escreve José Mattoso (1998, p. 83): “ser português começou por ser o mesmo que vassalo do rei de Portugal, e não por se pertencer a um determinado povo”. Nos séculos XIV e, até mesmo, XVII, a ideia de ser parte de um povo, uma Nação, era algo ainda embrionário. O pertencimento se

dava pela noção de ser súdito de um mesmo rei. O discurso nacionalista toma força, em especial, no século XIX, em que as identidades e sensibilidades de pertencimento à Nação emergem vinculadas a um projeto de consolidação do Estado. Para tal ele precisa de uma história de bravura, um passado mítico, antepassados (que no caso da fabricação do português remonta a um passado pré-românico com os povos lusitanos), figuras e eventos heroicos que compõem a jornada legada ao presente. Assim, essa jornada é uma herança herdada que vem com a força de uma interpelação por sua continuação.

A PERGUNTA QUE O PASSADO FAZ AO PRESENTE: O QUE RESTA?

Já não são as conquistas nem os combates que elles querem, não por que sua bravura todas as nações conhecem. Agora é a agricultura, são as artes, as sciencias e a litteratura que apparecem para sermos mais felizes.

(...)

O que resta pois de todo esse esplendor?!...

Raro vislumbre de nossa passada gloria! (VICTORINO, v. III, 1856, p. 76).

O texto do qual o trecho foi retirado é do escritor Se-meão Pinto Victorino, publicado na primeira série d'*A Saudade*, sob o título "O que resta?...". Tal pergunta carrega o cerne de um projeto que narra o passado glorioso. Esse narrar não tem um objetivo em si mesmo, ele se volta para o grupo, fortalece seus laços, incorpora uma performance social, participa de uma construção contínua daquilo que se quer como tradição. Porém, a tradição é uma fabricação do presente; por ela o passado ganha voz, uma voz que faz a pergunta título do texto de Victorino: o que resta?

O texto de Victorino é extenso e nele uma série de eventos do passado histórico e mítico português (momentos de glória, de luta, de dificuldades que tornaram as vitórias ainda mais heroicas) são narrados: os guerreiros lusitanos, a soberania portuguesa, o reinado de D. Manoel, o expansionismo e as descobertas, a coroa dos Afonsos, o domínio de territórios em diferentes continentes, o período de jugo sob a Espanha e a vitória pela reconquista da emancipação, despedaçando os grilhões de Castela. Além desses eventos, ainda são narrados o reinado de D. José e a administração do Marquês de Pombal enquanto períodos gloriosos da história de Portugal, não mais pelas conquistas militares, e sim pelo desenvolvimento econômico, político e cultural.

O discurso produzido por Victorino, e em diálogo com demais publicações e perspectivas d'*A Saudade*, é o de que Portugal possui um passado antigo, medieval e, até mesmo, dos primeiros séculos da Idade Moderna que foi glorioso por suas empreitadas políticas e militares. Tal glória, porém, toma um caráter diferente no passado mais recente, como escreve o autor: “agora é a agricultura, são as artes, as ciências e a literatura que aparecem para sermos mais felizes”. Estas são as novas armas, os novos espaços a serem dominados. Porém, o presente não é continuador da grandiosidade passada. Da pergunta “o que resta”, Victorino responde: “raro vislumbre de nossa passada glória”. Essa “averiguação” de uma perda no presente se vincula a um discurso recorrente na produção intelectual portuguesa do século XIX, o da decadência. Como escreve o historiador José Mattoso (1998, p. 36-37):

Com efeito, a ideia de “decadência” que viria a tornar-se uma verdadeira obsessão da história nacional, pelo menos desde meados do mesmo século [XIX], resulta em grande parte de se ter interiorizada a ideia de que o passado nacional havia alcançado dimensões de tal modo sobre-humanas que qualquer confrontação com a realidade presente teria de ser necessariamente desoladora.

Dessa forma, o passado é glorioso ao passo que o presente é decadente. Estes são movimentos ficcionais conjuntos, significações sobre o grupo e sua história. Porém, tal choque de valores entre os momentos históricos não é desprovido de um projeto político. A desolação, da qual fala Mattoso, não paralisa. Ao contrário, ela vem com o poder de chocar e mobilizar sentimentos e ações rumo a um futuro que tenha o passado como espelho. Assim, o nacionalismo oitocentista português, em que o passado é glorioso e o presente decadente, é atrelado a uma teleologia, em que no futuro se vislumbra o progresso.

É necessário que se sinta um incômodo com o hoje para que se haja intenção e ação na edificação de um amanhã melhor. Esta é, também, uma das obsessões da história nacional. Afinal, decadência e progresso são dois lados de uma mesma moeda.

Francisco Gonçalves Braga, membro do Grêmio Literário Português, lançou, em seu livro *Tentativas Poéticas*, o poema “Portugal”, posteriormente publicado n'*A Saudade*. Nele, o eu lírico canta nomes e feitos grandiosos do passado glorioso português, enfocando como esse passado não deve ficar esquecido e perdido.

Bem sei que dormes, mas é tempo: - acorda!
 Faz ver ao mundo que a dormir descanças;
 E' morte o somno? – Diz que não: - recorda
 Teu grande nome, que o teu brilho alcanças!
 Recorda ao mundo os lusitanos feitos
 Nas grandes eras das nações guerreiras;
 Recorda os lusos a vencer affeitos,
 Nas lutas sempre a conquistar bandeiras! –
 Recorda um povo, que recorda ufano
 Do luso reino triumphaes victorias,
 Qu'inda excediam ao poder humano,
 Ganhando um nome d'immortaes memorias! –
 (BRAGA, v. II, 1856, p. 183).

O eu lírico se volta para Portugal, o alvo de seu cantar e de seu apelo, “acordar” e “recordar”. É pela rememoração, narração dos feitos e conquistas de um passado glorioso que um despertar da Nação se daria. Mas despertar em qual sentido? No sentido de retomar o brio passado, sair de seu “sono”, de seu “dormir”, ou seja, de seu estado presente de decadência, para enfim fazer o movimento que lhe é legado pelo passado: o progresso. O curso da história deve alcançar o alto patamar do passado ideal; eis a mensagem poética.

O passado glorioso português, além de ser valorizado e significado como tal, é guia instrutivo do presente. A ideia de uma necessidade de Portugal “acordar” de um tempo de “dormir” é metáfora na produção literária da segunda metade do século XIX, incluindo *A Saudade* produzida pelos portugueses emigrados, como é, também, discurso do movimento saudosista do início do século XX, em Portugal. A obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa (2010), por exemplo, vincula tal projeto e o exercício de rememoração dos grandes feitos do passado como mensagem para o presente, como forma de “lembrar” e, portanto, “despertar” a nação e todos os sujeitos que a compõem para o resgate da passada glória.

Ainda no poema “Portugal”, o eu lírico, após cantar uma série de figuras da história nacional, encerra da seguinte forma:

D'Heroes que teve tão leaes, e tantos,
 Hoje o que resta? Funeraes padrões: –
 Somente um vate nos divinos cantos,
 A vida a todos restitue: – Camões. –
 (BRAGA, v. II, 1856, p. 192).

Todos os heróis do passado, todos os grandes feitos, no hoje, apenas existem enquanto “funerais padrões”,

monumentos que simbolizam um tempo encerrado, que, porém, parece ganhar vida pela ficcionalização, pela arte literária, que, como escreve Braga (v. II, 1856, p. 183), “a vida a todos restitui”. A figura que simboliza a prática da escrita e da publicação é Luís Vaz de Camões, o autor d’*Os Lusíadas*, o grande cantor do tempo de glórias de Portugal, de seus desbravadores, sendo ele mesmo um exemplo de sujeito que deixou a pátria para honrá-la, cantando suas grandiosidades no exílio.

Os escritores e leitores d’*A Saudade* repetem as façanhas dos antigos exploradores e até mesmo autores, tal como Camões, desta vez não pelo expansionismo, mas pela emigração; não pela instituição de padrões, e sim de associações; não pela publicação de livros, e sim de periódicos. Dessa forma, se fazem continuadores do passado, e, por mais que deem voz a ele pelo questionamento “o que resta?”, estão a responder por suas ações, desejosas de serem tão grandiosas quanto aquelas que compõem o passado glorioso português.

A pergunta que está no texto de Victorino e encerrando o poema de Braga (além de demais textos portugueses do Oitocentos), *retrama* (WHITE, 2001, p. 104) as lutas do passado: as batalhas medievais, a independência, a expansão e a colonização. Esse passado não está apartado

do presente, ele o interpela, ensina e exige (pelo comparativo) um vigor, a mesma força para uma conquista de igual valor. Não mais pela espada, e sim pela ciência, conhecimento e produção; é necessário (tendo em vista o discurso d’*A Saudade*) dar continuidade ao tempo de glórias.

A pergunta “o que resta?” vem, portanto, acompanhada de um complemento implícito: “o que cada português tem feito para que a glória passada esteja presente na história nacional novamente?”; ou ainda: “como cada um tem contribuído para o progresso de Portugal?”. A essa pergunta, que pulsa das narrativas e cantos de um passado tão idílico que faz do presente um estágio a ser superado, *A Saudade* surge como solução. Nela se materializam as ações de estudo e publicação que figuram o projeto de continuação, no presente, do passado glorioso português, ou seja, a instrução é (pelos discursos do jornal) o dever que cabe aos portugueses e, em especial, aos emigrados, para a *regeneração* (termo recorrente no jornal) nacional.

O DEVER DE ESTUDOS E CONTINUAÇÃO DO TEMPO DE GLÓRIAS

A história portuguesa encerra muitas d’essas tradições grandiosas. Quasi sempre um sentimento qualquer nos anima quando a abrimos. E comtudo não é sempre o

sentimento da admiração e respeito que obriga ao homem a procurar n'ella os factos; quasi sempre a curiosidade ou a distracção preside a essa leitura; e esquecemos que revolvemos as cinzas de um passado de gloria, e que o presente é mesquinho de mais para que possa ser comparado com elle. Mas entre essas tradições algumas ha que não podem nem devem ser recordadas sem que primeiro nos habituemos com a idéa de que ellas são eminentes de mais para que possam a apresentar-se em publico despidas d'esse tributo respeitoso que lhe devemos e que se identifica com ellas (PINTO, v. II, 1856, p. 33).

O trecho acima faz parte de um texto de José Rodrigues de Xavier Pinto (irmão do mencionado escritor d'*A Saudade*, Antonio Xavier Rodrigues Pinto), dedicado a tratar do padre Antônio Vieira. Tal como demais figuras do passado glorioso (reis, guerreiros e literatos), o padre Antônio Vieira aparece como exemplo a ser tomado, ou seja, é selecionado, no processo de formação do que é a tradição portuguesa, como sujeito ilustre, cuja vida é mensagem para o presente. Essa mensagem está fundamentada numa ideia recorrente na imprensa periódica oitocentista: o dever da instrução.

Como o trecho de Xavier Pinto permite compreender, há uma norma estabelecida na relação com o passado;

para com este espera-se manifestações de admiração e respeito. O recordar os grandes feitos, portanto, tem um teor de solenidade, de “tributo respeitoso”, que obriga, ou ainda, se impõe como dever aos portugueses. A severidade que essa noção implica está atrelada à ideia de que a narração e o cantar dos tempos gloriosos não são ações desprovidas de um projeto político e cívico. Como escreve Vania Maria Cury (2002, p. 245): “agora estrangeiros numa ex-colônia de Portugal, os portugueses aprenderam a preservar sua cultura e suas tradições por meio da afirmação da unidade ancestral de seus ‘patrícios’, transmitindo-as aos seus descendentes”.

O passado vem com um peso, uma missão. A pergunta “o que resta?” exige uma continuação da glória pelas vias do estudo e da publicação. Esse conjunto não deve ser movido apenas pelo entretenimento ou distração. A literatura, em especial a fabricada pelos portugueses emigrados na imprensa periódica, é arma de transformação social.

Na segunda série d'*A Saudade*, Faustino Xavier de Novaes (português emigrado no Rio de Janeiro, com formação e carreira reconhecida no meio literário do período) publica o poema “Ao Gremio Litterario Portuguez”. Neste é perceptível a ideia de continuação dos tempos de glória

e da associação enquanto espaço de encontro e realização da missão dos portugueses de alavancar sua pátria e sua identidade nacional. Nas sexta e sétima estrofes lê-se:

Assim nós, a quem a sorte
 Riqueza vil não quis dar,
 Não correremos á morte,
 Na indolencia a definhar:
 Humildes, filhos do povo,
 Sentimos o alento novo
 D’esta nova geração;
 Temos, sem outro agasalho,
 De dia, as mãos no trabalho,
 De noite os livros na mão!
 Se pobres somos, que importa?
 – O luxo aqui não reluz;
 Mas da casa a estreita porta
 Da gloria ao templo conduz!
 Lá fóra, nesse bulício,
 Quando, altivo, impera o vicio,
 Nem de nós se lembra alguem,
 Que juntos, aqui, pensamos
 Que os grandes que respeitamos
 Foram pequenos tambem! (NOVAES, 1º anno, 1861, p. 82).

O título do poema enuncia um movimento interno que a voz lírica promove: o se voltar para o grupo. Dele e para ele emana uma voz repleta de orgulho e pertencimento, com as características que compõem o perfil que o Grêmio diz ser representativo (jovem, português, pobre, trabalhador e estudioso). A esse perfil é inserido um elemento: o de ser continuador da tradição, do passado glorioso, dos exemplos e referenciais que são grandes no “hoje”, mas que já “foram pequenos também”.

A ética ascética (baseada na humildade, estudo e trabalho) é identificadora do modo pelo qual os portugueses emigrados devem se portar e continuar o passado glorioso. Esta é a cartilha que o Grêmio oferece e este é o comportamento de “tributo respeitoso” imposto enquanto “portugalidade oficial”. Para ser português em terra estrangeira deve-se trabalhar e, principalmente, se instruir, de forma respeitosa, dentro do conjunto de narrativas do passado glorioso português, produzindo/publicando com orgulho a rememoração dos grandes feitos. A própria estrutura rítmica do poema de Novaes indica a relação que se quer de continuidade com o passado. Afinal, “Ao Gremio Litterario Portuguez” é composto de dez estrofes décimas, metrificadas no modelo da redondilha maior, demarcando-o dentro de um fazer legitimado e

valorizado enquanto forma de cantar grandes feitos na poesia portuguesa.

Também, na segunda série d'*A Saudade*, pela pena de José Velloso d'Almeida Campos, é publicado um poema que reforça o dever da instrução como caminho para o progresso. Intitulado “À mocidade”, o eu lírico se volta para seu grupo a fim de cantar a missão que lhe cabe:

Sómente a intelligencia reger venha os destinos
Da geração que nasce, só ella dicte a lei;
E livre, o pensamento, as raias não conheça;
Quem póde pôr limites onde o talento é rei?
Correi, mancebos, cia, cerrai vossas fileiras,
Curvai somente a frente ao numem da poesia;
Nas palmas que colherdes que vejam os vindouros
As palmas orvalhadas por fontes de harmonia
(CAMPOS, 1º anno, 1861, p. 7).

A mocidade representa, justamente, a nova geração, aquela que busca um espaço que lhe seja próprio, em que possa se instruir e apresentar ao público os frutos da sua inteligência. Este é o princípio que motivou a origem do Grêmio, sendo a publicação d'*A Saudade* o meio para a conquista da tão desejada glória. Uma dupla glória (para esse grupo específico): uma enquanto português

que retomará os grandes feitos do passado, e outra enquanto emigrado em terra estrangeira (muitas vezes, hostil). Como escreve Eduardo da Cruz (2019, p. 31) sobre a imprensa periódica dos jovens portugueses na sociedade carioca oitocentista:

Esses “aventureiros da inteligência” não procuravam novas terras, demandavam sim uma nova posição social, algo que os fizesse crescer a nível pessoal e, sobretudo, como grupo. Eles queriam romper com o estigma de brutos provincianos sem instrução espalhado pela lusofobia brasileira da época. O estudo era necessário para essa mudança. A divulgação de suas obras, uma condição para o reconhecimento, tanto aqui quanto em Portugal.

O estudo aparece como arma que combate os embates próprios do contexto de emergência das publicações d'*A Saudade*, de luta dos portugueses emigrados na busca pela transformação de sua posição social na sociedade brasileira; como, também, é entendido como caminho instrutivo (que liga passado, presente e futuro de Portugal) para uma conquista da identidade nacional. Nesse sentido, cada português assume a representação do todo. Assim como Camões é uma figura que trouxe honra para a pátria (inclusive, com uma biografia marcada pelo exílio, pobreza e falta de reconhecimento), cada português

emigrado possui a potência de deixar, também, sua marca, por meio da produção literária, na história nacional, contribuindo para um “acordar” da pátria, ou seja, para seu progresso. Como canta a oitava e última estrofe do poema de Nicolau Gonçalves da Silva Ferreira Vianna, publicado n’*A Saudade*, em homenagem à coroação do rei Luís I de Portugal:

Ao throno sendo elevado,
Sem o menor estampido,
Será de estranhos amado,
E do seu povo querido!
Pelo seu genio e talento,
Fará da patria um portento,
Qual Camões nos descreveu;
E o gigante que dormia,
Da campa surgindo um dia,
Mostrará que reviveu!... (VIANNA, 2º anno, 1862, p. 47).

Esse poema, intitulado “Saudação”, resgata elementos do passado glorioso para fundar no presente sua continuação. Esta está representada na figura do novo rei. Repleto de expectativas no progresso da Nação, a coroação é um momento em que os sentimentos de orgulho e pertencimento fervilham. O novo rei representa uma nova etapa para o coletivo. O “acordar”, por vezes compreendido

enquanto um futuro distante nos discursos que cantam e narram o passado glorioso, aparece batendo à porta do presente. No poema, “os lusos de hoje e de outrora” (verso que inicia a sexta estrofe) estão unidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como escreve Hugo Achugar (2006, p. 201): “a memória é um dos campos – se não, o campo, por excelência – em que se processam essas múltiplas mudanças. Um campo de batalha onde o presente debate o passado como uma forma de construir o futuro”. *A Saudade* é uma obra cuja reflexão permite ao pesquisador a percepção de como se opera o fazer literário em que presente, passado e futuro são chamados para a construção de sentimentos, símbolos, valores e projetos comuns. Os portugueses emigrados, da segunda metade do século XIX na sociedade carioca, se encontram, organizam e relacionam; criam seus espaços, tanto associativos como de publicações, e neles reforçam sua identidade à terra de origem, criam padrões comportamentais e artísticos segundo os quais se reconhecem e significam suas vidas. O passado glorioso da pátria emerge como uma construção fabricada conjuntamente. Ele é arma de ação política e social para os portugueses emigrados, seja como forma de se destacarem e combaterem os estereótipos de uma sociedade que lhe é avessa, seja como exemplo a ser tomado para um projeto de regeneração

nacional. Admiradores respeitosos de uma memória de grandes feitos se fazem continuadores dela, interpelando uns aos outros para a união rumo ao progresso.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ALVES, Jorge Fernandes. **Os “Brasileiros”**: Emigração e Retorno no Porto Oitocentista. Dissertação de doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da UP, 1993.

BRAGA, Francisco Gonçalves. Portugal. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 23, p. 183-184, domingo, 13 jul. 1856.

BRAGA, Francisco Gonçalves. Portugal. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 24, p. 191-192, domingo, 20 jul. 1856.

CAMPOS, José Velloso d’Almeida. A mocidade. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série II, 1º ano, n. 1, p. 7, segunda-feira, 15 abr. 1861.

CARACTER português. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 7, p. 56, domingo, 23 mar. 1856.

CRUZ, Eduardo da. “Obras tão dignas de memória”: os periódicos do Grêmio Literário Português do Rio de Janeiro. **Revista Moara**, n. 52, p. 28-42, jan-jul 2019.

CURY, Vania Maria. Presença portuguesa: bases para a expansão das profissões liberais no Brasil. In: **Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno**. Carlos Lessa (org.). Rio de Janeiro: Record, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos. Viriato: genealogia de um mito. **Penélope**, n. 8, p. 9-23, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HERCULANO, Alexandre. **Lendas e Narrativas**. Tomo I. 4ª ed. Lisboa: Viuva Bertrand & Cª Sucessores Carvalho & Cª, 1877.

HUSTON, Nancy. **A espécie fabuladora**. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

LOPES, Fernão. **Crônica d'El-Rei D, João I, de boa memória, e dos reis de Portugal o décimo**. Segunda Parte. Lisboa, 1644.

LOURENÇO, Eduardo. Nós e a Europa ou as duas razões. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988.

LOUSADA, José Coelho. A pá d'Aljubarrota. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 5, p. 39-40, domingo, 2 set. 1855.

MACHADO, Leite Manoel. Fragmento de Mitologia. A Liberdade. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 15, p. 113, domingo, 11 nov. 1855.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. Aquém e Além: espaços estruturantes da identidade portuguesa?. **O sexo dos textos**. Lisboa: Ed. Caminho, 1994.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante. Implicações territoriais e existenciais da migração. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

MARTINHO, Lenira Menezes. Caixeiros e pés-descaços: conflitos e tensões em um meio urbano em desenvolvimento. In: **Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência** / Lenira Menezes Martinho e Riva Gorenstein; prefácio de Maria Odila Leite da Silva Dias. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993. (Biblioteca Carioca; v. 24).

MATTOSO, José. **A identidade nacional**. 1ª ed. Lisboa: Gradiva, 1998. Biblioteca Digital. (Fundação Mário Soares: Cadernos Democráticos/1). Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=005492#!>>. Acesso em: 04/2022.

MONTEIRO, João Gouveia. A Batalha de Aljubarrota. Novas Interpretações. **Revista de História da Sociedade e da Cultura**. Coimbra, v. 6, 2006, p. 105-122.

MULLER, Elisa. A organização sociocomunitária portuguesa no Rio de Janeiro. In: **Os Lusíadas na aventura do Rio Moderno**. Carlos Lessa (org.). Rio de Janeiro: Record, 2002.

NOVAES, Faustino Xavier de. Ao Gremio Litterario Portuguez. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série II, 1º anno, n. 10, p. 82-83, domingo, 18 ago. 1861.

OLIVEIRA, Jeronymo Joaquim de. Relatorio do Gremio Litterario Portuguez. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 16, p. 121, domingo, 25 mai. 1856.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. **Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

PEREIRA, Milena da Silveira. **A crítica que fez história**: as associações literárias no Oitocentos. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/w2qbk/pdf/pereira-9788568334508.pdf>>. Acesso em: 04/2022.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Abril, 2010. (Clássicos Abril Coleções; v. 24).

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. Ao Gremio Litterario Portuguez. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 2, p. 14-15, domingo, 12 ago. 1855.

PINTO, Antonio Xavier Rodrigues. S Damaso Papa. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 5, p. 37-38, domingo, 2 set. 1855.

PINTO, José Rodrigues de Xavier. O Padre Antonio Vieira. A Saudade, Rio de Janeiro, série I, v. II, n. 5, p. 33, domingo, 9 mar. 1856.

PROLOGO. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série I, v. I, n. 1, p. 1-2, domingo, 5 ago. 1855.

ROZEAUX, Sébastien. Presença da “colônia portuguesa” na paisagem cultural e midiática do Rio de Janeiro: o Grêmio Literário Português e o Retiro Literário Português (1855-1885). **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 490-513, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://old.scielo.br/pdf/topoi/v17n33/2237-101X-topoi-17-33-00490.pdf>>. Acesso em 05/2022.

SARAIVA, António José. **A cultura em Portugal**. Teoria e História. 2ª ed. Livro I. Introdução Geral à Cultura Portuguesa. Amadora: Bertrand Editora, Venda Nova, 1984-1985.

SILVA, Eduardo Caetano da. **Visões da diáspora portuguesa.** Dinâmicas identitárias e dilemas políticos entre portugueses e luso-descendentes de São Paulo. Dissertação de mestrado. Campinas, SP, 2003.

VIANNA, Nicolau Gonçalves da Silva Ferreira. Saudação. **A Saudade**, Rio de Janeiro, série II, 2º ano, n. 5, p. 46-47, domingo, 29 jun. 1862.

VICTORINO, Semeão Pinto. O que resta?... **A Saudade**, Rio de Janeiro, série I, v. III, n. 10, p. 75-76, domingo, 2 nov. 1856.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso:** Ensaio sobre a Crítica da Cultura. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. (Ensaio de Cultura; 6).

ZIERER, Adriana. D. João I, o iniciador da Dinastia de Avis entre a identidade portuguesa e a alteridade. **Dimensões**, v. 33, 2014, p. 36-60.

Recebido em: 12-04-2022

Aceito em: 08-06-2022